

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Um Educador Engajado

ALMINO AFFONSO

Chega hoje a São Paulo, depois de mais quinze anos de exílio, o professor Paulo Freire. A muitos, seguramente, há de causar estranheza que um educador, desvinculado de uma militância política em seu sentido estrito, tenha estado impossibilitado de regressar à terra durante tanto tempo. Nada, porém, mais antagônico do que a figura luminosa de Paulo Freire e o obscurantismo do regime autoritário. Aquele a romper, através de sua pedagogia como prática da liberdade, a visão ingênua do analfabeto, despertando-lhe (numa interação entre o educador e o educando) a consciência crítica diante da sociedade em que está inserido, permitindo-lhe a descoberta de sua própria identidade social e, em consequência, de seu papel como homem e como cidadão; enquanto este outro, o regime do arbítrio, a recorrer à prepotência e à mistificação, buscando por todos os meios impedir o esclarecimento do povo e a livre definição de seu próprio destino.

A volta de Paulo Freire atualiza a reflexão sobre o velho confronto entre a força bruta e a inteligência. A sua presença (por si mesma e como um símbolo da intelectualidade perseguida e exilada) faz ressoar a sentença definitiva de Unamuno, em Salamanca, diante da arrogância do general Millan Astray: venceréis, porém não convenceréis; porque "para convencer é preciso persuadir". Ora, a persuasão não se consegue pela força. Impor e persuadir são dois termos antinômicos. Passaram-se três lustros, marcados pelas normas coercitivas e repressivas; no entanto, por toda parte irrompe a rebeldia civil, buscando recuperar o direito de pensar e de agir livremente. É neste contexto que o retorno de Paulo Freire, cuja visão pedagógica se assenta no diálogo (vale dizer, numa relação igualitária), tem a força de uma mensagem renovadora: a da educação como "um ato de coragem"; que "não pode temer o debate"; que "não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa".

A fascinante experiência do professor Paulo Freire remonta a 1962, primeiro em Recife e depois em Angicos, no Rio Grande do Norte. Mas o seu nome ganhou dimensão nacional quando, no segundo semestre de 1963, a convite do ministro da Educação Paulo de Tarso, ele assumiu a ingente tarefa de comandar a campanha de alfabetização de adultos. O quadro era desolador: 16.000.000 de analfabetos, a partir da faixa etária dos 14 anos, ensombreciam o processo de democratização da sociedade.

Em termos políticos, presumia-se que esse contingente humano tendia a apoiar uma plataforma de transformações sociais: mas a Constituição Federal o excluía do corpo eleitoral. Por tudo isso, a extensão do direito de voto aos analfabetos converteu-se numa das exigências democráticas mais sentidas. Contudo, a solução era precária, insatisfatória. Não resolvia o problema social e, do ponto de vista político, era uma faca de dois gumes: podia redobrar as pressões pelas reformas estruturais; mas também podia, sobretudo no campo, ampliar as bases de sustentação das lideranças mais conservadoras...

É nesse quadro político que o professor Paulo Freire começou a aplicar, em escala nacional, o método psicossocial. A rapidez dos resultados impressionava a todos. Mas, sobretudo, a tomada de consciência do educando que se convertia, no processo de aprendizagem, num crítico social. Ao longo de 1964, o plano contemplava a alfabetização de 2 milhões de cidadãos. E, uma vez montados os "círculos" na quase totalidade dos Estados, estimava-se que, até 1965, 5 milhões de adultos teriam se alfabetizado. Destarte, a campanha de educação popular (pelas suas dimensões e pela natureza conscientizadora do "método Paulo Freire") se interligava ao movimento de ascenso democrático das massas, que então sacudia o País a todos os níveis, na cidade e no campo. As consequências políti-

FVF-818F-01-0293

Folha de São Paulo

so saltam aos olhos. Em Pernambuco, o eleitorado (até então de 800.000 votantes) chegaria à casa de 1.300 mil. E, na maioria dos Estados, o número de eleitores dobraria. Ora, mas não se tratava tão-só de uma mudança de quantidade; era a composição social do eleitorado que se transformava, sobretudo tendo-se em conta que o eleitorado era da ordem de 15,5 milhões de inscritos.

A ampliação da cidadania, resultante da campanha de alfabetização de adultos, romperia o predomínio eleitoral dos setores conservadores em quase todo o País. Ali está um dos aspectos da crise de 1964, sobre o qual nunca se fala. Desnecessário dizer que o professor Paulo Freire se transformou, de imediato, no alvo constante dos ataques, no Parlamento e na imprensa, dos porta-vozes do obscurantismo. Como assinala Francisco Weffort, "não podiam compreender que um educador católico se fizesse expressão dos oprimidos é menos ainda podiam compreender que a cultura levada ao povo pudesse conduzir à dúvida sobre a legitimidade de seus privilégios". É evidente que o professor Paulo Freire, pela essência mesma de seu pensamento, não induzia no alfabetizando a opção política; mas era irrecusável que, através da conscientização, lograda através da livre associação de causa e efeito que o diálogo propiciava, o educando visualizava a sua própria identidade social e assumia a crítica da sociedade que o explorava. Ao fim e ao cabo, a miséria e o analfabetismo não são caras diferentes da mesma moeda?

Hoje, passados quinze anos de exílio, retorna o professor Paulo Freire, com uma bagagem carregada de serviços prestados aos povos da América Latina e da África; com uma obra consagrada, em sucessivas edições, em vinte idiomas; com títulos de doutor "honoris causa" pela Universidade de Louvain (Bélgica), Universidade Livre de Londres (Inglaterra), Universidade de Michigan (Estados Unidos) e Universidade de Genebra (Suíça); com uma grandeza que decorre, sobretudo, de haver posto sempre o seu pensamento a serviço da liberação do homem. Eu sei que na história de todos os povos sempre há um general Millan Astray: "Abajo la inteligencia y viva la muerte!". Ao menos hoje, apaguemos da memória esses anos de pesadelo. O País amanheceu mais luminoso: Paulo Freire chegou.

Almino Alvares Affonso é advogado, ex-deputado federal, ex-ministro do Trabalho e da Previdência Social, ex-professor da Universidade Católica do Chile e atuou junto à Organização Internacional do Trabalho (organismo vinculado à ONU).